

Catálogo Afro

TEREZA CRISTINY MORAIS NOGUEIRA

CABELO CRESPO E RESISTÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

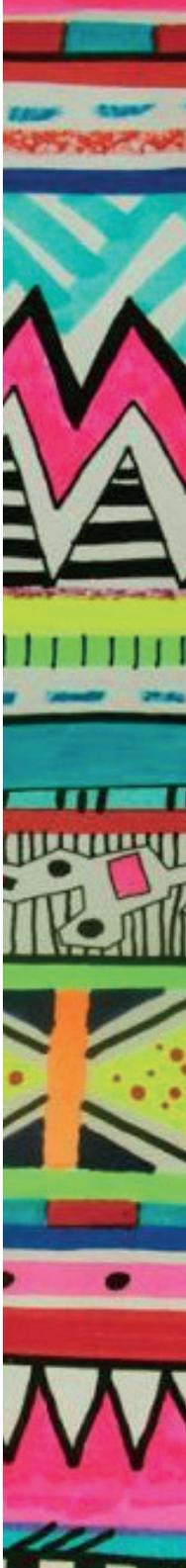
São Luís
2019

Diagramação: Josimar Almeida

Ilustração: Tereza Cristiny Morais Nogueira

Pesquisa/Texto: Tereza Cristiny Morais Nogueira

Orientação: Prof^o. Dr. Wheriston Silva Neris



APRESENTAÇÃO

Aos colegas professores e professoras do Centro de Ensino Oscar Galvão, o “catálogo afro” foi confeccionado com o intuito de abrir novos horizontes para o conhecimento educacional do município de Pedreiras-Ma. Atender os anseios da comunidade escolar, professores(as), alunos(as) e ampliar o debate em torno das discussões étnico-racial é o nosso propósito.

Somos conscientes de que nos últimos anos os currículos oficiais, gradativamente, vem contemplando temas relacionados a história, a cultura e a situação do povo negro brasileiro, no entanto, a estética negra ainda não é um tema a ser debatido no currículo escolar das nossas escolas.

Dessa forma, este material didático surge da necessidade de possibilitar que professores e professoras, discutam com a comunidade as questões relacionados ao universo da estética dos cabelos crespos, visando o fortalecimento da identidade étnico racial e o combate ao racismo que afeta negros e não negros no âmbito escolar.

Você terá a oportunidade de conhecer a história de vida de jovens negras que usam seus cabelos crespos como símbolo do empoderamento e de resistência contra a discriminação racial. O “*catálogo afro*”: *cabelo crespo e resistência no cotidiano escolar*, reúne sugestões de leituras, músicas, sites e a oficina de penteados afro.

Este produto representa, portanto, uma estratégia pedagógica para a redefinição das relações entre escola e corporeidade negra, assumindo a responsabilidade em oferecer a população negra a melhor compreensão acerca da sua história e cultura.



PREFÁCIO

Quando me veio o convite para prefaciar esta obra, a qual a professora e pesquisadora Tereza Cristiny nos apresenta, muitas razões me vieram à mente, por todavia, poucas passaram ao papel. Ora pela economia do gênero, ora para descarregar a viagem do leitor rumo às histórias que aqui nos são oferecidas. Logo a história não é só aquilo que acontece, mas como recordamos o acontecido.

Então, decidi falar não, exclusivamente, do teor acadêmico do texto e da pesquisa, pois seu valor é inegável e oportuno visto atender a Lei 10.639/2003, bem como, as políticas públicas voltadas para as questões afirmativas envolvendo as identidades negras e a autoestima da mulher. Também não priorizo, simplesmente, a relevância social deste trabalho, pois está claro que para a comunidade negra e, em especial, a de Pedreiras – MA o valor é do tamanho dos sonhos dos alunos (as) os (as) quais foram colaboradores (as) das páginas que aqui se seguem.

Veio-me à pena falar de como se deu a fecundação dessa pesquisa, a qual resultou nesse texto. Assim, antes de mergulhar nas páginas do texto, vale lembrar uma anedota.

Numa noite dessas, indo para uma escola na comunidade Marianópolis, zona rural de Pedreiras, no Estado do Maranhão, encontrei no ônibus uma professora, cuja imagem vi logo ser de uma negra consciente de sua negritude. Cuidei de falar logo para ela das questões de identidade, etnia, raça e gênero e como seria vivificante para a academia uma pesquisa *stricto sensu* acerca da vivência dela pelo viés da negritude.

Terreno limpo, semente plantada, só bastava regar a planta. Tarefa realizada todas as vezes que nos encontrávamos no ônibus. Dessa forma, logo veio o pré-projeto, o processo seletivo e a tão desejada aprovação. Dois anos depois de pura dedicação e trabalho sistemáticos, veio-me o convite para prefaciar essa pesquisa que o faço em história. Não direi nada do texto, gênero, formato e linguagem ficam, pois, a cargo do leitor. Só sugiro que aquele (a) que partires rumo à pesquisa acadêmica, faça votos de que o caminho seja longo, repletos de ilusões e sonhos para que, assim, possa observar as vindas e idas de uma professora e pesquisadora, a qual saiu maior e mais negra dessa viagem chamada MESTRADO.

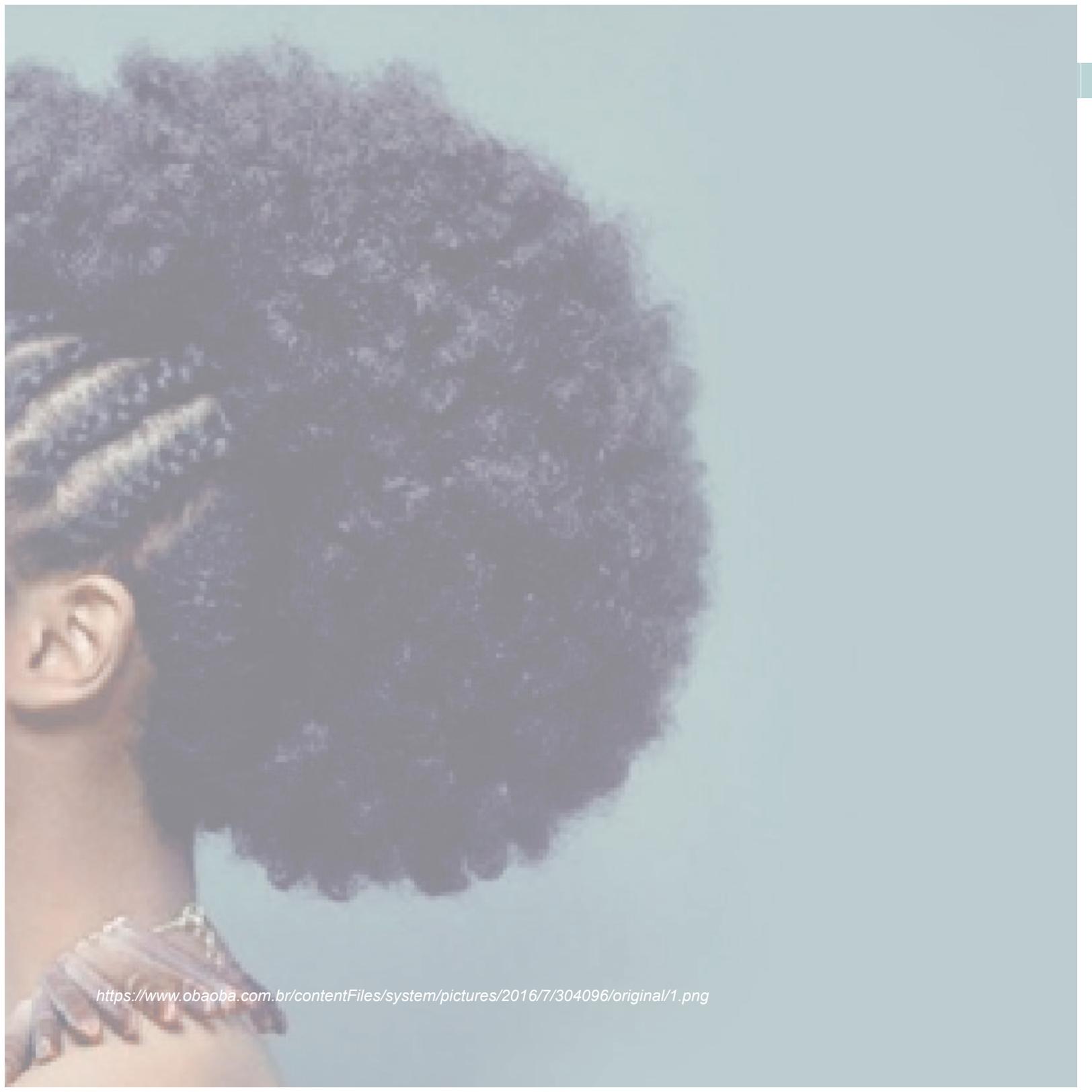
Boa Viagem!

Raimundo Silvino do Carmo Filho



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
1 VOZES DA RESISTÊNCIA: VIVÊNCIAS E AUTO-PERCEPÇÕES DE JOVENS NEGRAS	9
2 SOBRE IDENTIDADE NEGRA	19
3 OFICINA AFRO: FORTALECENDO IDENTIDADES	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
5 SOBRE A AUTORA	46
REFERÊNCIAS	47



<https://www.obaoba.com.br/contentFiles/system/pictures/2016/7/304096/original/1.png>

Entende-se que a escola é um espaço muito importante para refletir acerca do tema “**estética negra**”, e, também, sobre a construção das identidades negra. A antropóloga Nilma Lino Gomes nos alerta que a escola é uma instituição onde aprendemos e compartilhamos não só conteúdos pedagógicos ensinados pelos professores e professoras nas disciplinas escolares, mas, também, é na escola que partilhamos valores, crenças, hábitos, preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. (GOMES,2003).

Logo, falar de cabelo crespo é uma forma de valorizar a estética de jovens negras que não tem vergonha em assumir suas madeixas volumosas e encrespadas. O cabelo foi “foi transformado, pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. No caso dos negros , o cabelo crespo é visto como sinal diacrítico que imprime a marca da negritude no corpo”. (GOMES, 2006, p. 14).

Entende-se que o cabelo sozinho não tem sentido, dessa forma a sua representatividade se faz em torno das relações sociais e culturais. Posto isto, compreende que quando meninas, jovens e mulheres negras manifestam suas vontades quanto ao uso do seus cabelos, de modo natural, isto é, sem recorrer as interferências químicas, impostas pelo mercado de cosmético e, mesmo pela posição da televisão, da internet e da sociedade como forma de instituir a ideia de beleza pautada na brancura, estas meninas negras manifestam o desejo de se reconhecer e fortalecer suas identidades.

Vê-se, gradativamente na sociedade contemporânea, ter um corpo negro e expressar a negritude, começa a ser entendido socialmente de forma positiva como símbolo da cultura e da afirmação da identidade negra. Vejamos o relato de algumas meninas¹.

¹Será utilizado nomes fictícios como forma de manter o sigilo da identidade das estudantes colaboradoras da pesquisa.

1. Catarina é aluna da 1º série do ensino médio no Centro de Ensino Oscar Galvão, congrega na Igreja Batista no mesmo bairro que reside, Goiabal, no município de Pedreiras-Ma. Abandonou a química utilizada no cabelo e atualmente assumiu seus crespos. “Então, depois de um tempo eu resolvi aceitar ele do jeito que ele era, não precisava usar nada, acho muito legal do jeito que é. Eu aceitando o meu cabelo e minha cor, eu posso me expressar melhor, eu posso viver melhor, por conta da aceitação”. Afirmou que a beleza é uma forma de aceitação. “Então eu acho que a beleza hoje em dia é a pessoa que se aceita de forma do jeito que ela é: a cor, o cabelo, tudo.”. Afirmou a aluna com muito entusiasmo e orgulho da sua negritude.

2. Dandara, aluna da 2º série do ensino médio, reside no bairro Novo Seringal com a mãe, se mostrou muito consciente da sua negritude. Com um discurso pautado na aceitação do uso dos seus cabelos naturais, não hesitou em responder que essa aceitação partiu dela mesma: “De mim mesma. Eu decidi que eu tenho que me aceitar da forma que eu sou, porque se eu for viver toda a minha vida querendo me introduzir em um padrão, que eu sei que eu não faço parte, eu vou me frustrar de alguma forma”. Para ela o uso do cabelo crespo no seu formato natural pelas mulheres negras representa um ato de afirmação. “Eu acho que é uma forma de afirmação de se assumir porque elas sempre vinham querendo se introduzir em um padrão que não era delas, então agora elas conseguiram abrir os olhos pra realidade que elas são assim, elas se gostam do jeito que elas são, não importa se fulano de tal tem um cabelo liso, e ou etc., não importa, elas se aceitam da forma que elas são”.

3. Angela Davis, cursa a 2º série do Ensino Médio, garota de muito estilo, valoriza seus cabelos crespos volumosos. Angela reside no bairro Seringal com seus pais e irmãs, frequenta a comunidade católica Jesus Bom Pastor. Segundo a jovem a rede de solidariedade, isto é, a ajuda coletiva entre as meninas é muito importante no processo de aceitação dos cabelos naturais. A aluna luta bravamente contra aquelas pessoas que reprovam o estilo do seu cabelo: um crespo volumoso. “Arruma esse cabelo, mermã, esse cabelo tá feio, tá alto demais”! Sem hesitar ela responde. “O cabelo é de quem, gente? Eu tô me sentindo bem com meu cabelo então vou usá-lo assim. Eu sou o tipo de pessoa que assim não aceitou que por conta de eu já ter alisado o

cabelo, já ter sofrido quebras, danos, pontas duplas, eu (...) por eu já ter passado por isso (...) gente, eu não aliso mais de jeito nenhum!! Costuma responder Angela Davis.

4. Acotirene é uma jovem de 16 anos, reside com os pais no bairro Nova Pedreiras. Frequenta desde 2013 a igreja adventista do sétimo dia, muito carismática e de sorriso fácil, nos contou que o fato de muitas mulheres assumirem seus cabelos naturais atualmente na sociedade, não está ligado à moda. “Hoje na sociedade eu vejo que não é moda. Existe uma parte das pessoas que, geralmente, quem decide assumir são as mulheres, que passaram a deixar (...) aí o cabelo era alisado e passaram a usar o cabelo cacheado e crespo. Eu vejo que elas decidiram assumir, decidiram mostrar quem realmente são. Acho que deve ser uma coisa de assumir pra sociedade que ela é afro”. Afirmou a aluna.

5. Maria Felipa é uma jovem de 17 anos que está cursando a 3ª série do ensino médio. Exibe uma cabeleira volumosa e com cachos exuberantes. Garota tímida, mas com uma consciência invejável, foi bastante persuasiva em falar que ser negro na nossa sociedade, está para além da cor. Segundo ela, guardar na lembrança a luta de milhares de negros escravizados e conhecer a nossa história é uma forma de se reconhecer como negra na sociedade. Expressou que o uso do cabelo crespo natural hoje tem a ver com a aceitação, mesmo que a tendência seja um elemento que possa influenciar muitas meninas. “Para mim é mais uma questão de aceitação, mas veio como uma tendência que me levou a usar meu cabelo solto, mas foi uma aceitação para mim, porque eu não gostava do meu cabelo, eu sempre achei que as meninas de cabelo liso eram muito mais bonitas, as pessoas gostavam mais e eu não usava o meu, só que aí como veio essa tendência de cabelo cacheado, eu vi várias meninas usando, e eu vi que o meu cabelo era do jeito delas e que podia ficar bonito da mesma forma e eu comecei aceitar o meu cabelo, e comecei a usar ele solto.”

6. Anastácia é uma jovem de 18 anos que cursa a 3ª série do médio. Reside com os pais e o irmão no bairro Goiabal. Apreciadora de reggae, exibe os cabelos entrançados (estilo dreadlocks), segundo ela, os dreads fazem parte da cultura do reggae. Ao ser indagada a respeito

do uso do cabelo crespo natural por muitas mulheres negras atualmente, respondeu o seguinte: “É afirmação, é até melhor, que antes a gente não tinha coragem de soltar, de expor assim o cabelo, agora a gente está mostrando mesmo”. A jovem ressaltou que hoje as mulheres negras não tem vergonha em exibir a beleza de seus crespos.

7. Zeferina aluna da 2º série do ensino médio, reside no bairro Goiabal com os avós paternos. Jovem de poucas palavras, mas muito consciente da beleza do seu cabelo crespo. Depois de um período alisando o cabelo, resolveu assumir a naturalidade dos seus crespos. “Com toda certeza eu me sinto bem melhor agora, porque quem passa por esse processo de estar alisando o cabelo, aquela química toda, isso não é legal, não é uma coisa agradável e eu me sinto muito melhor assim, e até porque é algo natural, é algo meu, e eu não preciso estar fazendo esse processo de 3 em 3 meses de estar alisando ele, correndo riscos, riscos e mais riscos nesse processo.” A respeito das jovens e mulheres negras na atualidade assumirem seus cabelos naturais, a aluna teceu o seguinte comentário: “não acho que seja considerado uma moda, eu acho, é mais para aceitação das mulheres, algo que elas por muito tempo tiveram medo, não se sentiam a vontade em se expressar.”

8. Na Agontimé aluna cursa a 2º série do ensino médio, reside no bairro Goababal com os pais e dois irmãos. Há três anos passou a usar os cabelos naturais depois de um período usando química. “O que levou a assumir meu cabelo (...) foi pela queda que quebrou um pouquinho, e também porque eu quis me assumir, eu quis mostrar quem eu sou de verdade, porque, pela minha cor(...)aí eu voltei aos meus cachos, eu quis mostrar quem sou eu, que eu sou negra e esse é meu cabelo, essa é minha verdadeira identidade.” Destacou a jovem.

9. Luiza Mahín é uma adolescente de 15 anos, pedreiraense e reside no bairro Novo Seringal com a sua mãe, irmã, tio e avó materna. Seus pais são separados e atualmente a família passa por problemas. A mãe é secretária doméstica e as despesas maiores da casa ficam por conta da avó que é pensionista. A garota faz a primeira série do ensino médio e segundo ela tem muitos amigos na escola. Luíza relatou no início da conversa que tinha muita vergonha

de soltar seus cabelos quando criança, por achá-lo feio e ressecado, mas por influência de uma amiga resolveu assumir seus cachos. Ao ser indagada com a seguinte pergunta: Na sua opinião o que levou muitas meninas, mulheres assumirem seus cabelos crespos?

“Eu acho que o fato da pessoa se aceitar do jeito que ela é, quando a gente se olha no espelho, a gente fica procurando os detalhes, as coisas erradas que a gente tem, e tem um dia que a gente olha no espelho e pega o que a gente tem, que a gente não acha bonito e começa a achar, de tempos em tempos, é claro. Não na mesma hora, e eu acho que o fato da pessoa se aceitar e não pensar no que as outras vão pensar, já é um bom passo pra gente se aceitar do jeitinho que a gente é, do jeito que nosso cabelo é”.

10. Maria Firmina Garota politizada e consciente dos fatos históricos da nossa sociedade se demonstrou muito envolvente com o tema da pesquisa. No momento da entrevista não hesitou em comentar um homicídio praticado contra um idoso, após um homem flagrar a esposa em um motel com a vítima na região central de Pedreiras. Após o assassinato o homem traído arrastou a companheira despida pelas ruas da cidade. Esse fato para a estudante causou revolta e representou “o cúmulo do machismo”, pois a exposição gratuita daquela mulher, segundo ela, é a demonstração de que a mulher ao trair o seu companheiro deve ser julgada e massacrada em público. Maria Firmina reside com a avó materna e atualmente costuma periodicamente alisar o cabelo. Durante a infância usava o cabelo crespo e ouvia muita desaprovação, “ah cabelo cacheado é cabelo ruim, ah cabelo de Bombril, cabelo de pixaim e a gente acaba ficando com vergonha daquilo”. Ela se reconhece como negra, mas disse que nunca sofreu discriminação diretamente. Acredita que a mulher negra é muito cobrada e que ela tem que se moldar conforme o desejo estabelecido pela sociedade. Ao ser questionada sobre o padrão de beleza estabelecido pela sociedade respondeu que:

“Eu acho que a mulher branca, cabelo liso, já é uma mulher perfeita. E a mulher negra não, ela tem que ser conforme as pessoas querem. Mas como a gente pode ver, hoje em dia, a gente quebra o preconceito, quebra o silêncio. Hoje em dia a gente vê várias pessoas com cabelo cacheado, cabelo black, cabelo do jeito que elas querem, não do jeito que as pessoas gostam que elas sejam.”



11. Mariana

Estudante de 18 anos que cursa a segunda série no C. E. Oscar Galvão. Mora no bairro da Prainha com a avó, mãe, tio e com a irmã. A avó é a única que trabalha na casa, conseqüentemente, as responsabilidades da casa reca sobre a avó de Mariana. No momento da entrevista a estudante portava no pescoço um terço. Para ela, é uma forma de lhe proteger “contra mal olhado”. Me parece que a jovem transita de forma sincrética entre o catolicismo e as religiões de matriz africana, pois se diz adepta da umbanda desde 2016. “Sou umbandista. Eu sou do terecô”². Mariana declarou que sofre muito preconceito na escola por sua religião.

Quanto ao cabelo ela se encontra no processo de transição capilar, resolveu cortar o cabelo visando se inserir na tendência de cabelo cacheado. “Estava pegando cabelo cacheado. Peguei, ah vou cortar o meu, vou deixar crescer”, afirmou.

²Muitas vezes essa vertente é confundida com a umbanda ou com a mina, acredita-se que o terecô possui traços que apontam para uma origem africana diferente das que predominaram na mina. Seus praticantes são chamados de terecozeiros, macumbeiros, umbandistas, ou doutores do mato(...) Uma característica marcante são as vestimentas mais exuberantes e coloridas que as demais vertentes no estado, além da predominância de homens a frente das casas. (SANTOS, 2018, p.127)

PAPO AFRO

A “estética negra” é um fenômeno social, cultural e político, dessa forma, a expressão estética negra encontra-se diretamente relacionado ao plano político, econômico, do processo de urbanização da cidade, de afirmação étnica e da percepção da diversidade (GOMES, 2006).

Qual o sentido do cabelo para a mulher negra? Talvez essa pergunta não tenha sentido para algumas pessoas, pode aparecer um tanto quanto extravagante. No entanto, trata-se da subjetividade, da estética, do estilo, do trato do cabelo e do corpo, da identidade de jovens e de mulheres negras. A própria palavra estética origina-se do grego aisthesis e etimologicamente significa a faculdade da recepção das sensações. (GOMES, 2006)

Assim, a manipulação do cabelo crespo é compreendido como expressão estética, logo, as categorias estéticas, são construídas na experiência sensível do homem com o mundo, inscrito no tempo, no espaço e medida pela cultura.(GOMES, 2006).



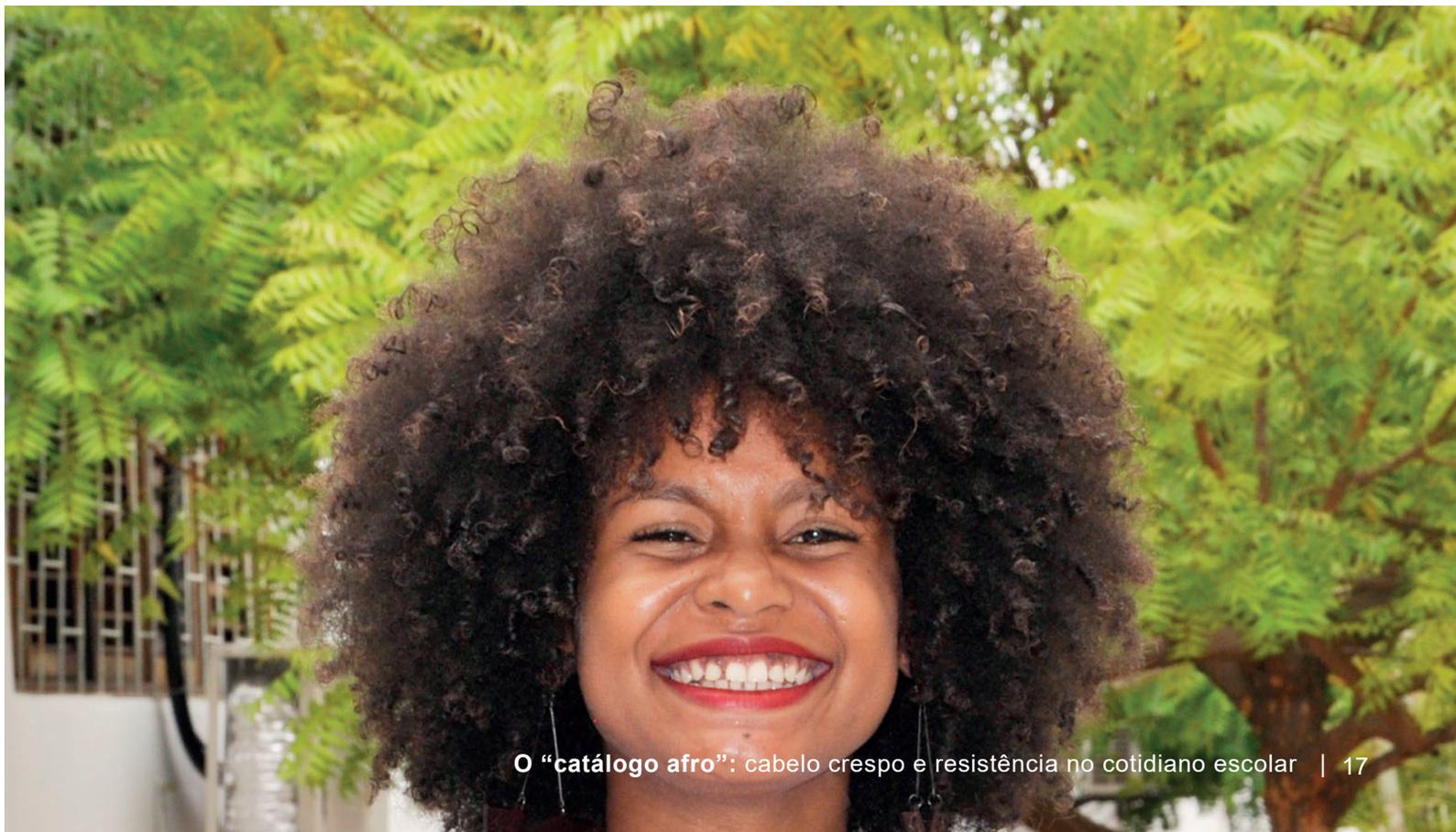
PROPOSTA DE DEBATE

Na sua opinião o uso do cabelo crespo natural por meninas, jovens e mulheres negras na atualidade, é uma tendência, moda ou ato de afirmação identitária?

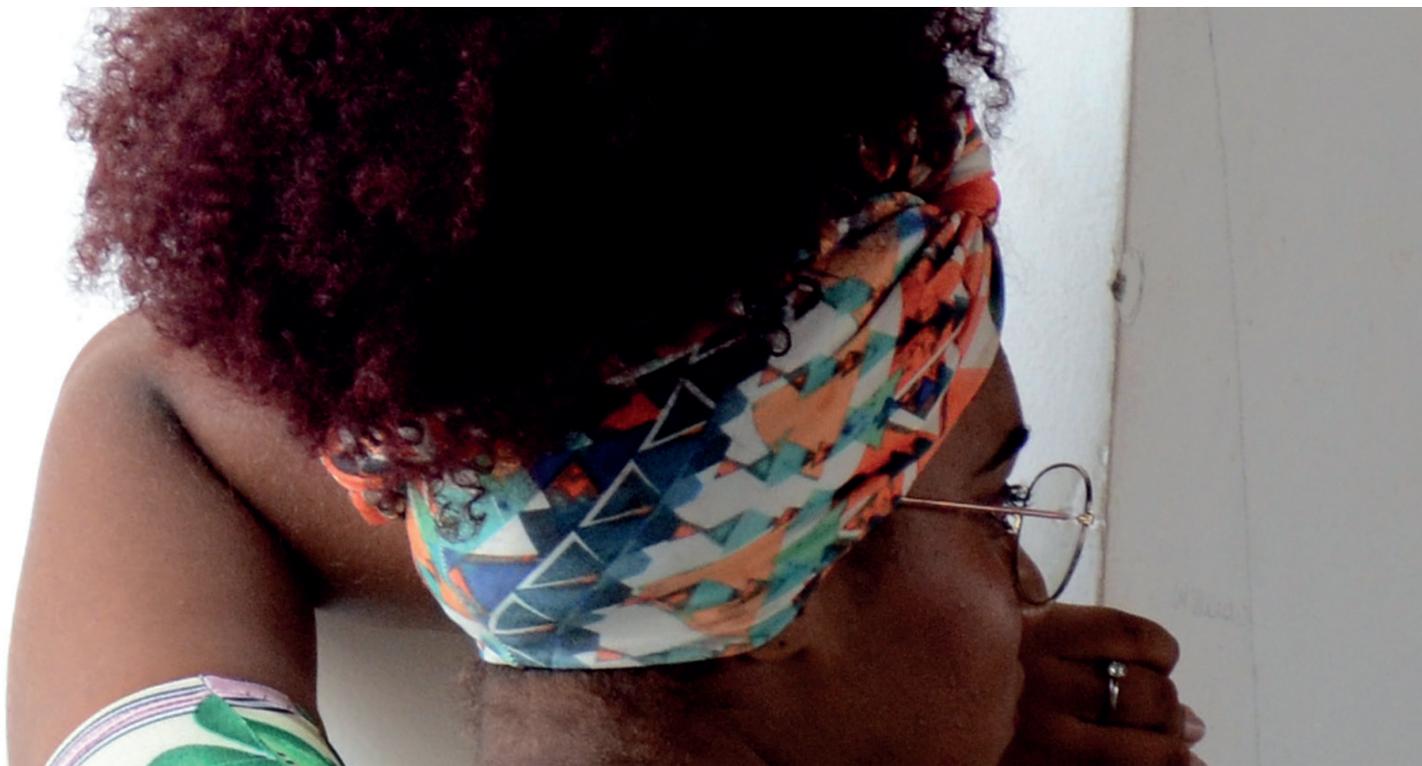
VOCÊ SABIA?

O “**Dia do Orgulho Crespo**” é comemorado em São Paulo no dia 26 de julho com o objetivo de valorizar o cabelo crespo e combater o racismo através da estética. O Projeto de Lei (1.207 de 2015) de autoria da deputada Leci Brandão (PC do B) foi sancionado pelo governador Geraldo Alckmin e será celebrado anualmente em 26 de julho. Segundo a deputada, o projeto surgiu após a legisladora conhecer a pauta reivindicadora da Marcha do Orgulho Crespo, criado em 2015, como um movimento de reconhecimento da beleza do cabelo crespo, da estética afro-brasileira e fortalecimento da identidade negra.

Veja o site: <http://orgulhocrespo.com>







SOBRE IDENTIDADE NEGRA

Com base nas ideias do antropólogo Kabengele Munanga (2003) a identidade negra não surge da diferença de cor ou da diferença biológica entre negros e brancos e ou entre negros e amarelos. A identidade negra é uma construção que resulta de um longo processo histórico, que se iniciou por volta do século XV com a exploração do continente africano e de seus habitantes pelos europeus no contexto da política colonizadora.

Segundo Munanga, é nesse contexto político e social que podemos entender a chamada identidade negra no Brasil. “Essa história a conhecemos bem: esses povos foram sequestrados, capturados, arrancados de suas raízes e trazidos amarrados aos países do continente americano, o Brasil incluindo sem saber por onde estavam sendo levados.”(MUNANGA, 2003, p. 37). Assim, a identidade é um tema que está diretamente ligada a própria história da humanidade.

O sociólogo jamaicano Stuart Hall(2015) analisa o fenômeno da identidade na era da globalização. Para ele, as identidades étnicas são construídas historicamente e culturalmente e, não pautada numa perspectiva natural ou biológica, pois compreende que os sujeitos históricos nesse processo não são mais interpretados como portadores de uma “identidade fixa”, “essencial” ou “permanente”. Contrariamente, as identidades tornam-se uma “celebração móvel”, isto é, transformada continuamente em relação as formas sociais e históricas que somos representados e representadas nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2015).

Ainda para Hall, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente... à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente” (Hall, 2015, p. 12).

Logo, quando as meninas, jovens e mulheres negras manifestam suas vontades quanto ao uso do seus cabelos, de modo natural, isto é, sem recorrer as interferências químicas, impostas pela lógica capitalista do mercado de cosmético e, mesmo pela posição da televisão, da internet e da sociedade como forma de instituir a ideia de beleza pautada na branquidão, estas meninas negras manifestam o desejo de se reconhecer e fortalecer suas identidades. Vê-se, gradativamente na sociedade contemporânea, ter um corpo negro e expressar a negritude, começa a ser entendido socialmente de forma positiva como símbolo da cultura e da afirmação da identidade étnica.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina.. 12º edição, 2015

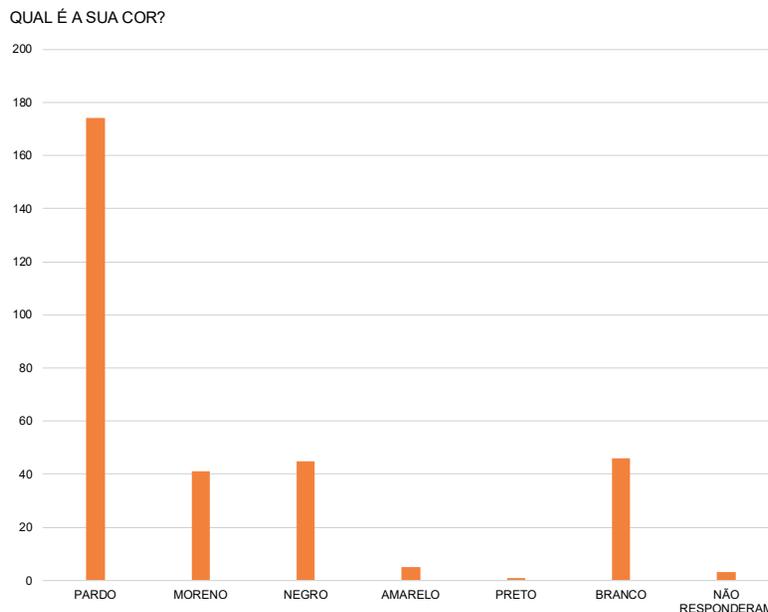
MUNANGA, kabengele. Algumas considerações sobre a diversidade e a identidade negra no Brasil. In: **Diversidade na educação: reflexões e experiências**. Coordenação: RAMOS, Marise Nogueira; ADÃO, Jorge Manuel; BARROS, Graciete Maria Nascimento. Brasília. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. 2003.

Os sujeitos na escola C.E. Oscar Galvão reações e concepções do corpo discente sobre racismo

Uma das formas de discutir a visão dos alunos (as) sobre o fenômeno da estética negra, foi através de questionários abertos, pelo fato de ser um assunto permeado de conflitos e, principalmente, por considerar que o corpo discente se sentiria mais à vontade para opinar sobre o tema. As questões pontuadas na lista dos questionários atendiam o seguinte roteiro: sobre você e a escola; sobre seus pais e família; sobre ser negro (a); corpo, cabelo e estética.

Vale ressaltar que o resultado dos questionários não representa a opinião da escola C.E. Oscar Galvão, mas da maioria do alunato que foi requisitado através da aplicação dos questionários das onze salas que funcionam no turno matutino. Com base nas respostas do corpo discente através dos questionários, constatou-se que a visão que estes jovens têm acerca da corporeidade e estética negra está muito ligada a uma representação estigmatizada e preconceituosa de um corpo negro construído dentro de uma lógica racista desqualificadora.

Ao perguntar qual é a sua cor, constatou-se conforme mostra o gráfico um mosaico de cores e categorias raciais, no qual os estudantes se autodeclararam: pardo, moreno, negro, amarelo, preto, branco. Dentre os mais de 300 alunos que responderam o quesito cor, 174 se reconhecem como pardos, 41 se declararam de morenos, 45 de negros, 5 de amarelos, 01 de preto, 46 se reconhecem como brancos e 03 não responderam.



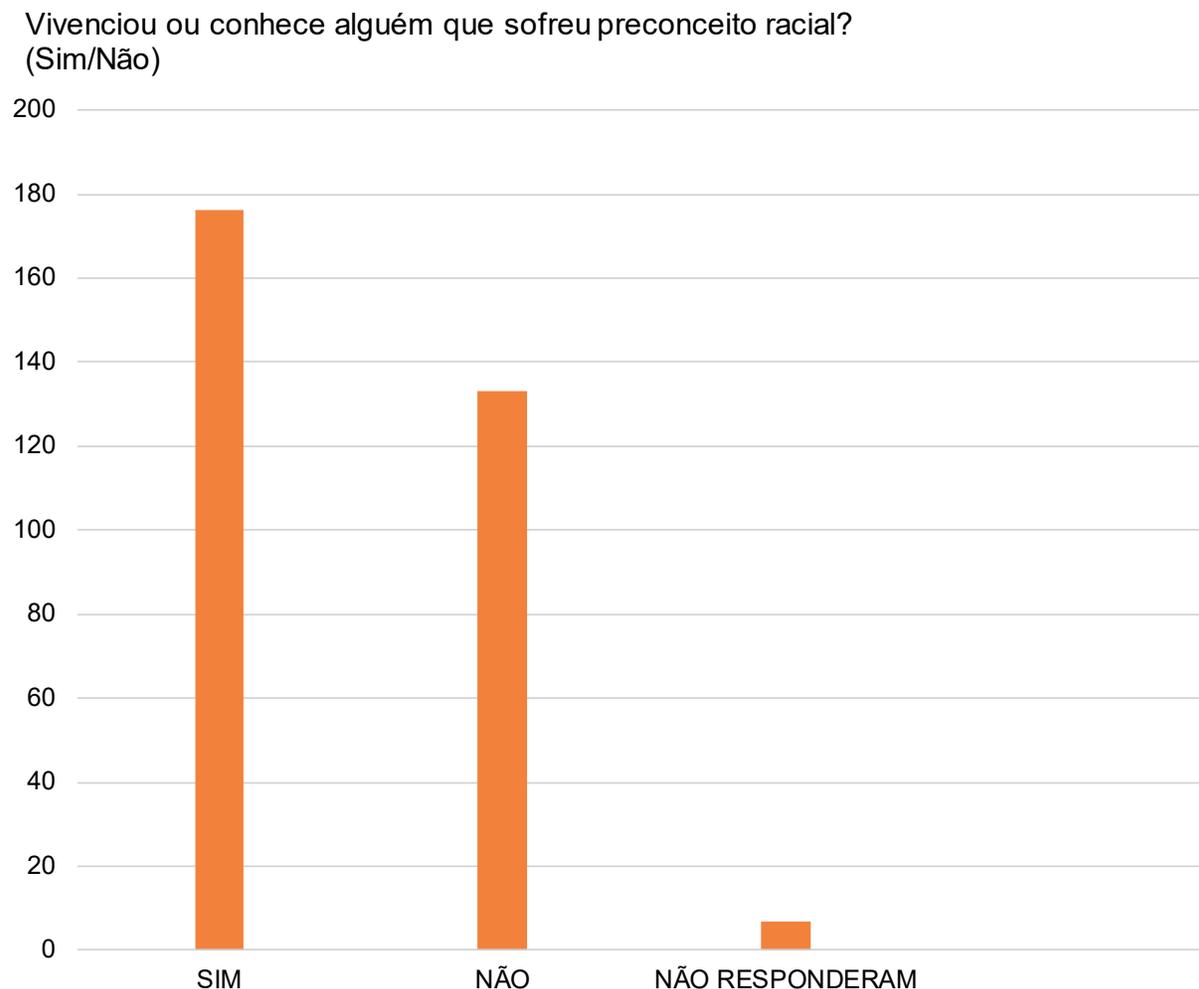
O que significa ser “pardo”, ser “moreno”, ser “negro”, ser “amarelo”, ser “preto” e ser “branco” para esses estudantes? Para alguns isto pode significar apenas declarar a sua cor, mas como bem alertou (MUNANGA, 1999, p. 18), isso está carregado de ideologias, pois a ideia de mestiçagem “cujo uso é ao mesmo tempo científico e popular, está saturada de ideologia”.

Ao lançar a seguinte pergunta: o que é ruim em ser jovem e negro (a), na sua opinião? As respostas foram variadas, mas com o mesmo sentido, a saber – o “preconceito racial”; “existem pessoas racistas contra os jovens negros”; o “racismo das pessoas que se acham por serem brancas”; “porque as pessoas negras sofrem muitas críticas”; “somos discriminados”; “pelo grande número de pessoas preconceituosas e racistas”; “ser solitário”, “não ser feliz”; “é preso com mais facilidade”; “sociedade racista”; “enfrentamos muitas barreiras”; “falta de oportunidade e racismo”; “por ser discriminado”, “caçoado e recebe vários apelidos”; “discriminação em vários lugares”; “sofre bullying”; “de não ter os mesmos direitos de um jovem branco”; “exclusão social”; “no trabalho as pessoas não te valorizam”.

A ideia de ser jovem e negro na sociedade brasileira, maranhense e também pedreirense, está permeada de representações preconceituosas, isto mostra o quanto a sociedade é racista em relação ao jovem negro, como ficou evidenciado nas respostas acima. O negro (a) é representado no imaginário da sociedade ocidental contemporânea de forma inferiorizada, no qual a sua cor, discriminada, pode determinar o seu comportamento e o seu lugar na sociedade.

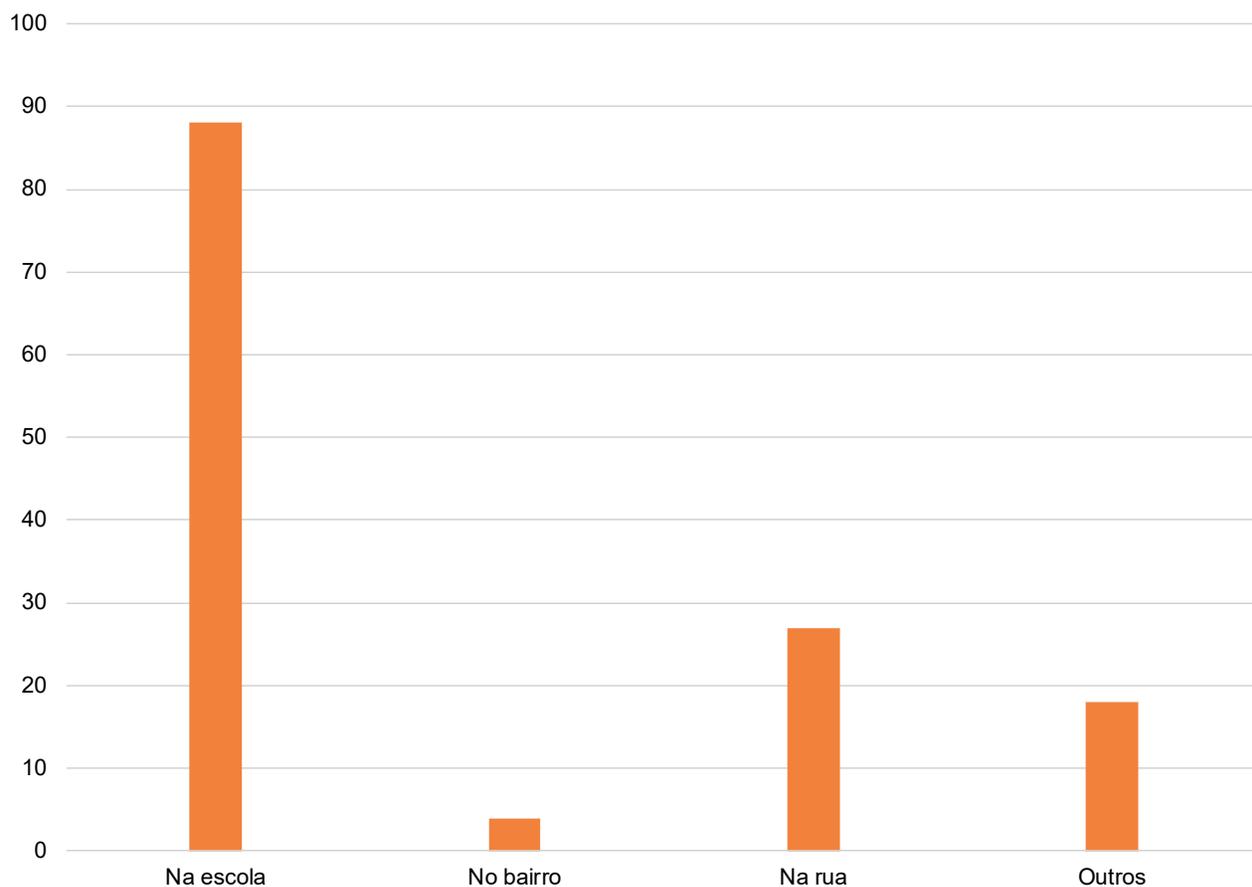
Conforme Pereira (2011), a representação negativa do negro foi elaborada no bojo da política colonizadora do século XIX, no qual o continente africano foi um dos seus objetos de exploração econômica. A respeito da dinâmica social da história brasileira, no final do século XIX, esse discurso racista, também, cumpriu sua função no processo de abolição, ao marginalizar social e economicamente os ex-escravos “sob a noção de que se tratava de uma raça inferior e desprovida dos elementos necessários para competir e sobreviver no mundo do trabalho livre, a não ser nas condições análogas do escravo”. (PEREIRA, 2011, p. 3).

Quando pergunto se o aluno (a) vivenciou ou conhece alguém que sofreu preconceito racial, a maioria não hesitou em responder que sim, como mostra o gráfico abaixo. Isso significa, portanto, que os estudantes conseguem identificar esse mal no seu dia a dia e que a sociedade está longe de ser “uma democracia racial” como sugeriu Gilberto Freyre na década de 1930 no seu clássico Casa – Grande & Senzala.



Conseqüentemente, àqueles que responderam ter vivenciado ou conhecer alguém que sofreu racismo, identificou que estas práticas racistas estão presentes em todo espaço da vida social. Dentre os lugares mais citados pelos alunos (as) no questionário foram: no bairro onde mora, na rua, no jogo de futebol, em lojas, na roda de amigos, na internet, mas, sobretudo, na escola.

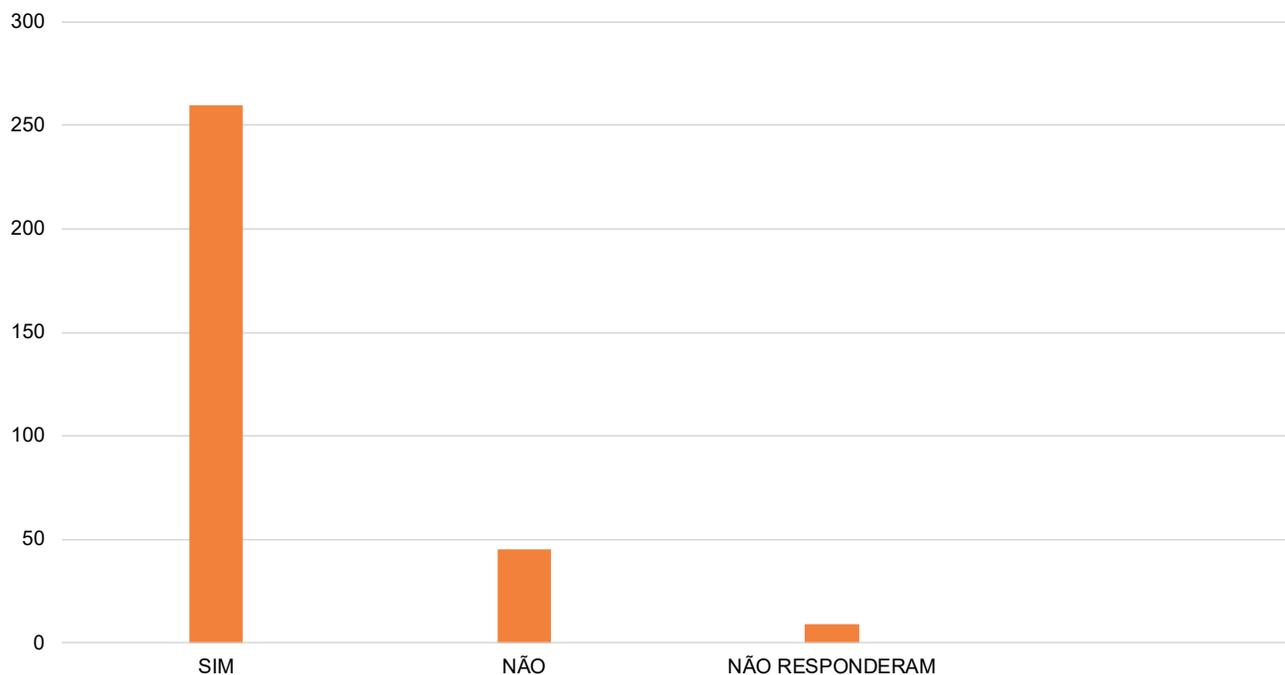
Em caso de afirmativo, onde ocorreu?



Percebe-se ao analisar o gráfico que para os estudantes, a escola é o espaço onde mais se pratica racismo na sociedade. Gomes (2003, p. 176) nos alerta que as experiências de racismo vividas na escola ficam guardadas para sempre na memória do sujeito. “ A ausência de discussão sobre essas questões, tanto na formação dos professores quanto nas práticas desenvolvidas pelos docentes na escola básica, continua reforçando esses sentimentos e as representações negativas sobre o negro”.

A respeito da relação que os alunos e alunas têm com seus cabelos, os mesmos responderam.

Você gosta dos seus cabelos? (S/N)



Àqueles que responderam sim, isto é, que gostam dos seus cabelos teceram os seguintes comentários: “são cacheados e bonitos”; “porque são cacheados”; “porque ele é grande”; “ele me deixa mais bonita”; “porque é liso e natural”; “porque é loiro, liso e sedoso”; “porque deixa da cor que eu quero”; “porque são macios e bem tratados”; “porque ele tem um pouco de cada, cacheado, liso e brilhoso”; “porque amo quando ele fica cacheado, sedoso e volumoso”; “por ter muita intimidade com ele”; “porque são lisos”; “acho lindo, destaca a pessoa”; “adoro meus cachos”; “porque é cacheado do jeito que eu quero”; “passei a gostar dele como ele é naturalmente”; “me ajuda a levantar a autoestima”; “é algo bonito pra mim”; “são um pouco lisos”; “são cacheados”; “porque tenho cabelos grandes e lisos”; “são pretos e combina com a minha cor”; “porque são longos”; “por ser liso natural”; “amo meu cabelo, pois me define quem eu sou, uma negra e com orgulho”; “porque é liso”; “são cacheados, loiros e lindos”; “pois não dá trabalho para arrumar”; “amo meu cabelo afro”; “porque eles não me dão trabalho”; “bem cacheado”; “tenho uns cachos lindos”; “por ter cachos”; “amo pois é natural”; “porque são pretos, cacheados e grande”; “porque é liso”; “posso fazer o que eu quero com ele”; “ele me define quem eu sou”; “é natural”; “porque ele é enrolado”; “são lisos”; “posso fazer vários penteados”; “não é enrolado e nem duro”; “é crespo, cacheado e eu gosto”; “pois são enroladinhos”; “me deixa mais atraente”; “é liso e grande”; “é estiloso”; “porque ele é diferente, cacheado”; “porque ele é ondulado natural”; “é algo que me caracteriza”; “me define”; “tenho os cachos perfeitos”; “lisos, claro e macios”; “porque ele me representa e aprendi a gostar dele”; “são ondulados e gosto do jeito que ele é de forma natural”; “tenho uns cachos lindos e volumosos”; “são crespos e me faz sentir com estilo e mais bonita”; “é crespo bonito e chama atenção”; “amo meu black”.

Esse emaranhado de comentários acerca do cabelo exige uma reflexão, pois conforme algumas respostas o cabelo pode “definir”, “representar” e até mesmo “levantar a autoestima” de homens e de mulheres. Os comentários dos alunos nos ajuda a pensarmos acerca dos sentidos e dos significados que eles têm com seus próprios cabelos. O olhar dos estudantes sobre o cabelo, isto é, a forma que eles têm em adornar, pintar, cortar, pentear conforme o seu estilo, expressam “sentimentos confusos de rejeição, aceitação, prazer, desprazer, alegria e tristeza” (GOMES, 2006, p. 213). Esses sentimentos revelam-se através da linguagem: “adoro meus

cachos! ”, “amo meu cabelo, pois me define quem eu sou, uma negra e com orgulho! ”, “tenho os cachos perfeitos! ”, “amo meu black!”. Ademais, diante dos comentários verificou-se que a maioria dos alunos (as) não só aprovam seus cabelos, como também, nesse cenário social existe uma grande valorização do cabelo natural, cacheado, enrolado e crespo, como podemos evidenciar a partir das respostas.

Por conseguinte, os estudantes que responderam que não gostam dos seus cabelos, fizeram os seguintes comentários: “muito ruim”; “queria que fosse liso e topete”; “é ruim”; “são muitos ressecados”; “porque ele é alto”; “não me agrada muito”; “porque ele são grossos”; “acho muito feio”; “porque é um cacheado diferente”; “difícil de pentear”; “gostaria que fosse liso”; “é mais ou menos crespo”; “queria que fosse cacheado”; “porque não é grande e liso”; “porque é muito ruim”; “porque é ondulado”; “dá muito trabalho”; “são químicos”; “porque alisei ele”; “porque alisei e me arrependi”; “porque precisa de muita química”; “corto de semana em semana”; “porque são cacheados queria que fosse liso”; “porque queria um cabelo natural”; “queria ele cacheado”; “são muito duro e nunca fica da forma que eu gosto”; “pontas secas”.

De acordo com o gráfico, Você gosta dos seus cabelos? (S/N), representado acima, a minoria revelou não gostar de suas madeixas. Os comentários, na maioria, negativos em relação ao cabelo nos faz levantar algumas questões: o que significa um cabelo ruim, feio, difícil, ressecados, duro e trabalhoso? Supõe-se que essas características são atribuídas aos alunos de cabelos crespos que expressaram nos questionários não gostar dos seus cabelos, pois segundo eles são “muito ruim”, “não me agrada muito”, “gostaria que fosse liso”.

Assim, o negro (a) ao se deparar com a reprovação do seu cabelo por não se encaixar dentro de uma perspectiva de “belo” construído pela sociedade, logo se ver obrigado a modificar a textura dos cabelos, para se enquadrarem no padrão de beleza imposto, como sublinhou Coutinho: “O corpo do negro é estigmatizado e visto de forma depreciativa, envolvido em uma pressão que o obriga a modificações que levem a exigências feitas pela sociedade. Isto porque o corpo estigmatizado é visto como fora dos padrões normais, chegando a não ser considerado “humano”. (COUTINHO, 2010, p. 44).

*Jovem
entrançando o
cabelo*



OFICINA AFRO: FORTALECENDO IDENTIDADES

Visando o fortalecimento da identidade étnico racial, foi realizado no dia 07 de dezembro no Centro de Ensino Oscar Galvão uma oficina intitulada a “estética dos cabelos crespos”, desenvolvida junto ao corpo discente da escola. A oficina foi resultado do trabalho de intervenção didático-pedagógico realizado naquele centro de ensino durante a pesquisa de campo. Naquela oportunidade, além da discussão a respeito do cabelo crespo e corporeidade negra, foi oferecida a comunidade estudantil uma oficina de penteados afros e tranças para valorização da beleza do cabelo crespo e fortalecimento da autoestima das jovens negras daquela escola.





Uma atividade desafiadora e pioneira na cultura escolar daquele município, pois o tema acerca das relações étnico-racial, até então, nunca tinha sido contemplada por essa perspectiva de análise – “a estética dos cabelos crespos”. As dificuldades, tensões e mesmo a sensação de desconfianças por parte de algumas pessoas durante a pesquisa, gradativamente deu espaço para que cada professor(a), aluno(a) pudessem se despir de preconceitos e de um racismo histórico que acompanha a sociedade brasileira, maranhense e pedreirense. Enxergar o cabelo do negro(a) de forma positiva, é reconhecer que o estilo que cada jovem tem de adornar seu cabelo, faz parte da sua história, da sua especificidade e, especialmente, da sua identidade étnica.

O cabelo é uma parte do corpo que tem muita representação, especialmente, para as mulheres, pois além, de fazer parte das características físicas de cada um de nós, tem relação com a subjetividade da pessoa, a moldura do rosto, expressão simbólica, histórica e social. No entanto, a relação que mulheres negras tem com seu corpo e, em especial, com seus cabelos é muito tenso diante de uma sociedade mergulhada no racismo.



É comum mulheres negras, guardarem na memória a discriminação e o preconceito que sofreram quando criança, sobretudo, no âmbito escolar. Cabelo de bombril, cabelo duro, cabelo pixaim, são alguns dos apelidos sofridos por várias meninas negras. A construção de um padrão de beleza pautado no “branqueamento”, criou-se socialmente a ideia de que o cabelo crespo, isto é, natural e sem química é, muitas das vezes, representado como um cabelo sujo e mal cuidado.



Nesse sentido, considera-se que a escola é um espaço que pode interferir na construção da identidade, ou das identidades de meninos e de meninas negras, de forma que essa interferência pode ser positiva ou negativa, isto é, a instituição escolar pode valorizar as diferenças, as identidades, mas discriminá-las, subjugá-las ou negá-las. Dessa forma entende-se que: “O corpo negro pode ser entendido como existência material e simbólica da negra e do negro em nossa sociedade e também como corpo político. É esse entendimento sobre o corpo que nos possibilita dizer que a relação da negra e do negro com sua corporeidade produz saberes” (GOMES, 2017, p. 98).

A oficina contou com a participação espontânea de alunas que se dispuseram em perguntar e aprender técnicas de como fazer tranças em cabelo crespo.

“O uso de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Porém, os significados de tal técnica foram alterados no tempo e no espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outras fazem-no simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo. Mas, de um modo geral, quando observamos crianças negras trançadas, notamos duas coisas: a variedade de tipos de tranças e o uso de adereços coloridos. Tal prática explicita a existência de um estilo negro de pentear-se e adornar-se, o qual é muito diferente das crianças brancas, mesmo que estas se apresentem enfeitadas. Essas situações ilustram a estreita relação entre o negro, o cabelo e a identidade negra.” (GOMES, 2002, p. 44).



CABELO – COMO SISTEMA DE LINGUAGEM SOCIAL

* Na maioria das sociedades africanas "o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem. Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas". (Gomes, 2003)



Além da oficina foi exibido o documentário “Espelho, Espelho Meu!”, e posteriormente, realizou-se uma discussão sobre a temática. A princípio os alunos(as) presentes naquele momento se apresentaram eufóricos diante da grande novidade de trazer uma cabeleireira para dentro da escola e, pelo próprio enredo da temática. Entretanto, a ansiedade de alguns logo abriu espaço para o interesse em perguntar sobre o tema. O racismo e a discriminação por conta do cabelo crespo sofrido, sobretudo, na escola, fez com que alguns estudantes vítimas desse grande mal pudessem se expressar diante dos fatos exibidos por algumas pessoas que participaram do documentário mostrado. Acredito que, sobretudo, muitas meninas naquela sala se puseram no local das meninas exibidas naquele documentário.

Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar
Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso
A verdade é que você,
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sarará crioulo
(MACAU, 1982)



O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha

Canto rap por amor, essa é minha linha

Sou criança, sou negra

Também sou resistência

Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Menina pretinha, exótica não é linda

Você não é bonitinha

Você é uma rainha

(SOFFIA, 2016)





Respeitem meus cabelos, brancos (...) /Cabelo veio da África/ Junto com meus santos/
Benguelas, zulus, gêges/ Rebolos, bundos, bantos/ Batuques, toques, mandingas/
Danças, tranças, cantos/ Respeitem meus cabelos, brancos/ Se eu quero pixaim, deixa/
Se eu quero enrolar, deixa/ Se eu quero colorir, deixa/ Se eu quero assanhar, deixa/
Deixa, deixa a madeixa balançar. (César, 2002).

CURIOSIDADE AFRO

TRANÇA NAGÔ

As tranças nagô ou de raiz, são tranças típicas das comunidades africanas, cujo as formas e desenhos dos penteados têm sentido sociais e culturais relacionados à idade, à etnia e a outros tributos identitários. “A importância da trança está no próprio ato de trançar, exprimindo os laços entre as gerações e entre os amigos , como uma ação de comunidade e de contato”. (RETTENMAIER, 2012, p. 56).

DICA DE MÚSICAS

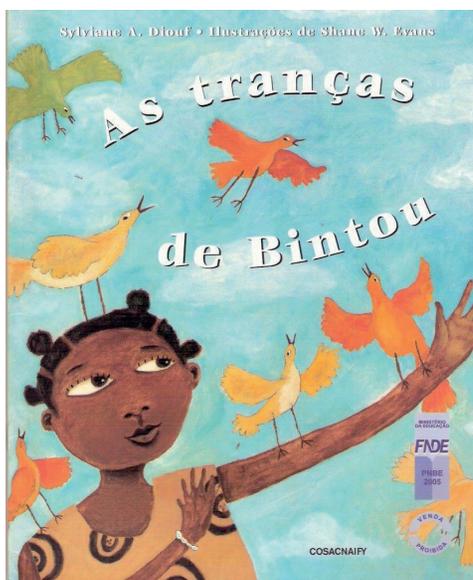
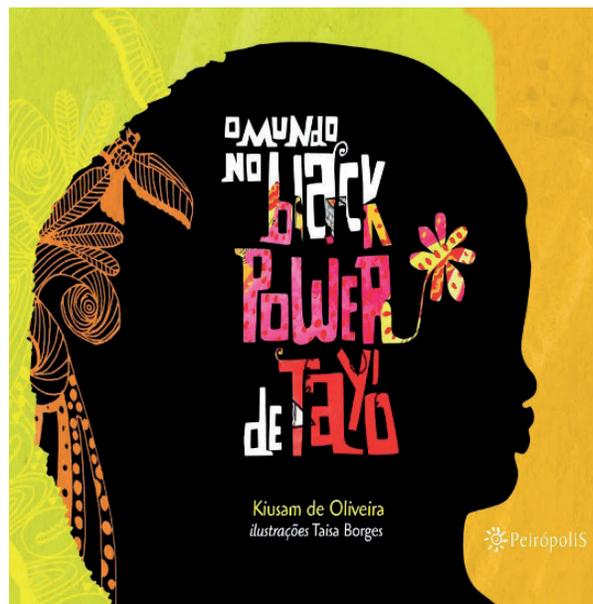
A música é uma expressão artística rica que através da sua estrutura poética ou da letra pode difundir ideias e percepções do mundo de quem compõe, canta e a interpreta. Por meio dela podemos conhecer a realidade social e cultural de uma época. O cabelo foi e continua sendo cantado em diversos ritmos da música brasileira. Se por um lado, de forma preconceituosa, a exemplo de “Nega do cabelo duro”- “Fricote”, música do cantor e compositor Luiz Caldas que ridiculariza a mulher negra, mediante seus atributos estéticos estigmatizados – o “cabelo duro”. Por outro lado, o cabelo vem sendo representado em letras de músicas mais atuais de forma mais positiva, no qual a beleza do negro e da negra é reafirmada, como a música da Mc Soffia, “Menina Pretinha” e a canção “Deixa meu cabelo” do grupo Bom Gosto. Segue abaixo a indicação de algumas músicas.

- Olhos coloridos. Sandra de Sá. 1982. Composição: Macau
- Menina Pretinha. Mc Soffia. 2016
- Sr. Tempo Bom. Thaíde & Dj Hum. 1996
- A carne. Elza Soares. Composição. Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette. 2003.
- Black Power. Negra cor
- Sarara Miolo. Gilberto Gil. Álbum: realce. 1979
- Beleza Pura. Caetano Veloso. 1979.
- Cabelo. Jorge Bem Jor/ Arnaldo Antunes. 1990
- Joãozinho. Álbum: Essa boneca tem manual. Vanessa da Mata. 2002.

DICA DE LEITURA

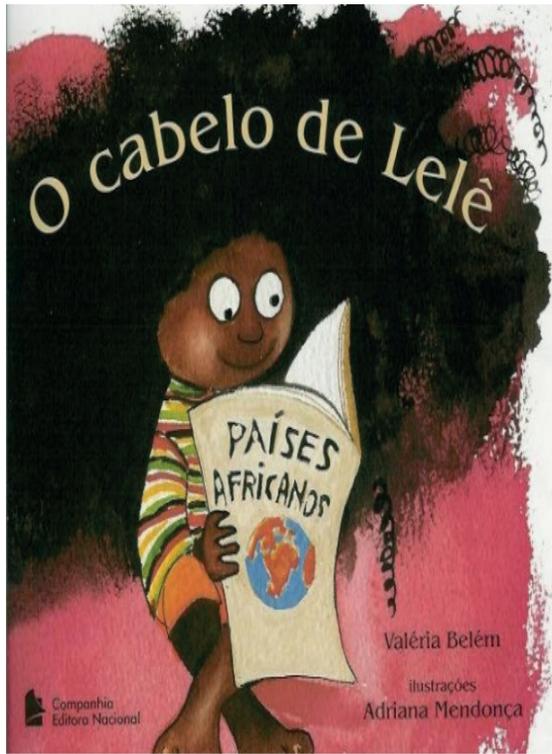
1. O mundo no black power de Tayó. Kiusan de Oliveira. Editora Peirópolis LTDA. 2017

Sinopse: A autora do livro apresenta Tayó, uma menina negra cheia de autoestima e que tem orgulho do cabelo crespo com penteados black power cheio de estilos. Tayó é uma menina que enfrenta a discriminação dos colegas de classe, que ridiculariza seu cabelo chamando de “ruim”. Leitura muito interessante para despertar o interesse pela cultura africana, o movimento Black Power nos anos 1960 nos EUA e, sobretudo, é uma leitura que convida o leitor a ter orgulho da sua cor, dos traços corporais, principalmente, o orgulho do cabelo crespo, como a protagonista da narrativa, a menina Tayó.



2. As tranças de Bintou. Livro por Sylviane Anna Diouf, Editora. CosacNaify. 2010

Sinopse: Bintou é uma menina negra com o cabelo crespo e curto, que sonha em usar tranças, como sua irmã mais velha. O livro retrata a beleza e a especificidade de cada fase da vida, a passagem da infância para a adolescência e permite ao leitor repensar o Brasil por meio dos costumes africanos.

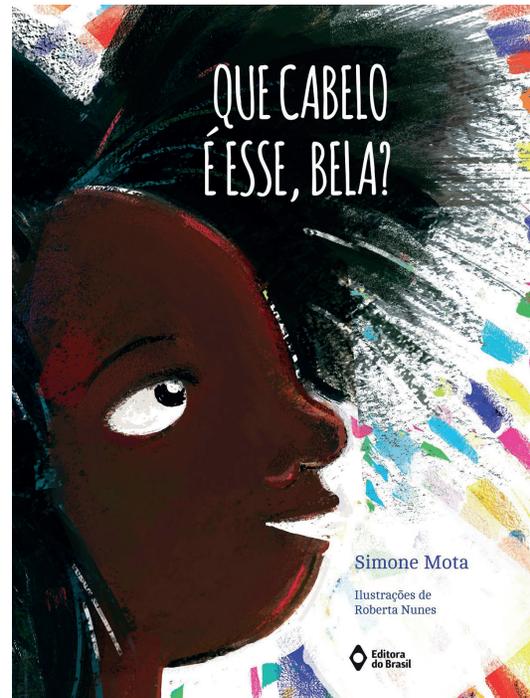


3. O cabelo de Lelê. Livro por Valéria Belém. Editora. Companhia Editora Nacional, 2007.

Sinopse: O cabelo de Lelê traz à tona as indagações de uma menina negra em relação ao seu cabelo crespo, cheio de cachinhos. A resposta ela encontra num livro ao descobrir sua história e herança africana.

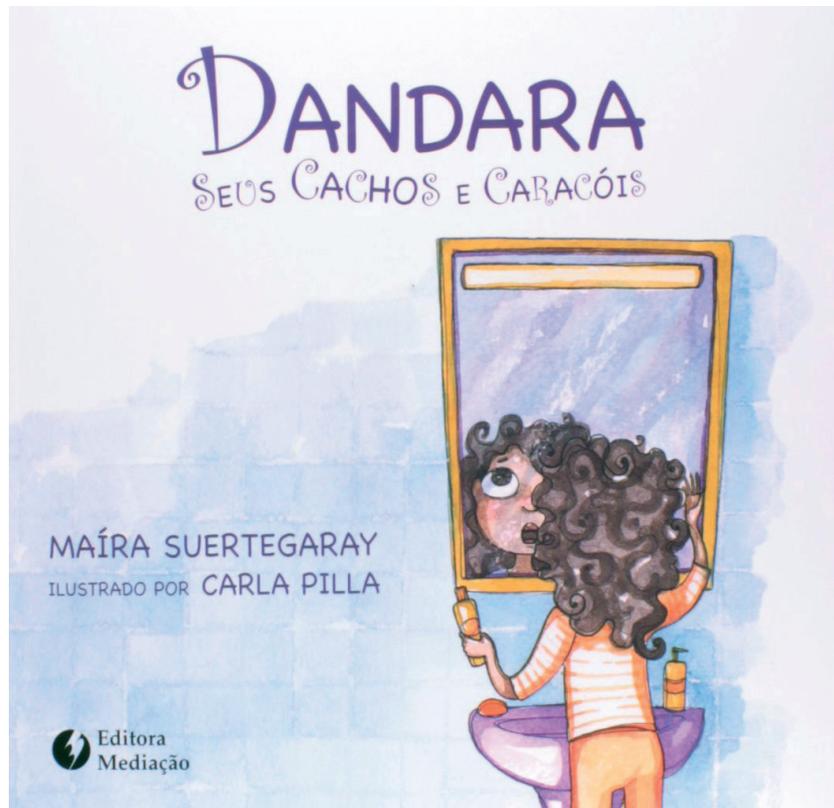
4. Que cabelo é esse, Bela? Simone Mota. Editora. Editora do Brasil. 2018.

Sinopse: Bela é uma menina que adora brincar com seus amigos na chuva. Ela descobre que seu cabelo brilha com os pingos da chuva. Mas, algumas pessoas riam dela, e Bela acabou ficando triste. Então, a mãe dela lhe conta a origem do seu poder que nasceu com sua tataravó, uma mulher escravizada. Essa história fala sobre a quebra de preconceitos, padrões de beleza e ancestralidade.



5. Dandara: seus cachos e caracóis. Maira Suertegaray, Carla Pilla. Mediação Editora. 2015

Sinopse: o livro conta a história de Dandara, uma menina negra que tem o cabelo com muitos cachos e caracóis. Dandara deseja que seu cabelo fosse liso, como os das princesas dos contos de fada. Incentivada pela mãe, os cachos da menina contam a história de sua família e de seus antepassados. O livro convida o leitor para conhecer sua própria história e valorizar as pessoas em suas peculiaridades e modo de ser e de viver.







“Dicionário cacheado” : conhecendo alguns termos e expressões utilizados no universo do cabelo crespo

1. Day after: “Dia seguinte”, corresponde ao dia posterior, quando os cachinhos se desfazem, assanham, embaraçam, logo fica mais difícil de manter os cachos definidos.

2. Tipo 2A, 3C, 4B: é como os cachorros se definem em forma de espirais: mais crespos, menos crespos. Os cabelos de textura mais lisos são tipo 1 e os mais crespos são tipo 4.

3. Shampoo bomba: Shampoo para crescer o cabelo.

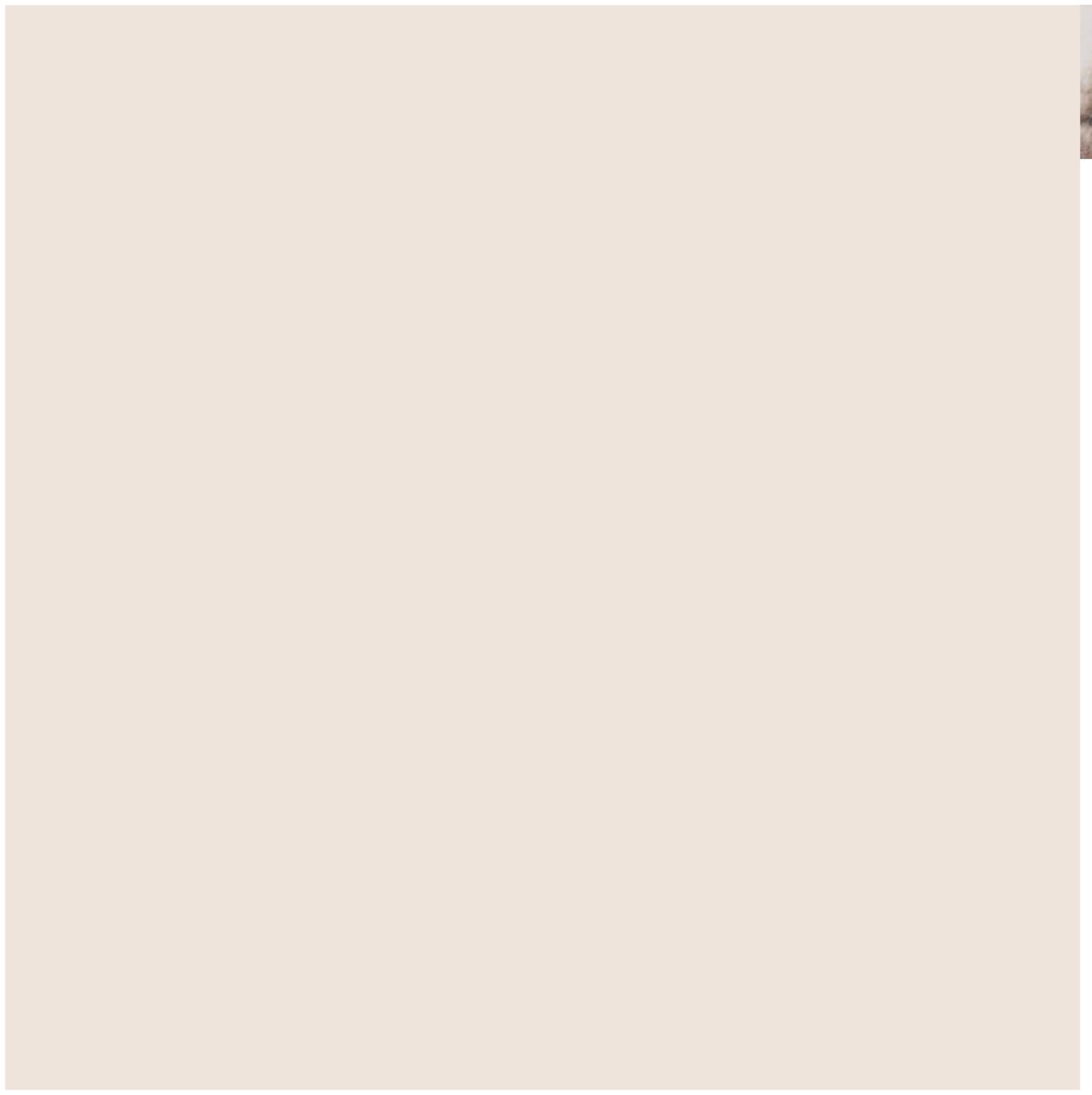
4. Transição capilar: é uma fase muito difícil, pois é quando a mulher resolve deixar seu cabelo natural crescer da raiz até um certo tamanho, para que então ocorra o famoso big chop ou BC, expressão muito comum entre as cacheadas.

5. Big Chop ou BC: “grande corte”, é quando é retirado, através de um corte todas as pontas alisadas com química.

6. Química: correspondem aos alisantes e relaxantes.

7. Fitagem: Técnica muito utilizada para definir os cachos. Para realizar o procedimento basta usar o dedos e um creme para pentear os cabelos e assim formando os cachos.

8. Texturização: Muito utilizado por quem está passando pela transição capilar, é uma técnica que corresponde em modelar o cabelo. Para isso utiliza-se cremes de pentear ou gelatina para cabelo, separando o cabelo em mechas, ao passar o modelador, transforme as mechas em pequenos coques e deixe-os por algumas horas.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões feitas nesse material surgiram da necessidade de elaborar um material didático, onde os professores e professoras da educação básica, pudessem discutir as questões da estética dos cabelos crespos de forma positivada em sala de aula e , também, como forma de combater os preconceitos construídos historicamente em torno dos cabelos crespos.

O trabalho teve como principal objetivo analisar as representações sobre a estética, o corpo e as identidades de jovens negras, tendo como espaço de análise o Centro de Ensino Oscar Galvão, localizada no município de Pedreiras – Ma.

Primeiramente, a confecção de um “catálogo afro” enriqueceu as discussões em torno do debate das questões étnico-racial e descortinou o universo da corporeidade negra, em especial o cabelo de jovens negras, estigmatizados dentro do discurso racista na sociedade brasileira, em especial na realidade social da “Princesa do Mearim”.

Em segundo lugar, o uso do cabelo natural por estas estudantes foi compreendido como um ato de resistência, de demarcação das diferenças, e sobretudo, como símbolo identitária. Uma identidade em movimento, cujo sentido só pode ser entendido levando em consideração as experiências e a posição específica de cada jovem no mundo social.

Finalmente, acreditamos que esse produto poderá contribuir para a construção de propostas pedagógicas que valorizem a autoestima dessas meninas e como ação de combate a discriminação racial ainda tão presente na escola.



SOBRE A AUTORA

Professora de História da rede pública estadual e municipal de ensino e Pós- Graduada em História – PPGHIST-UEMA, orientanda do Profº. Dr. Wheriston Silva Neris.



REFERÊNCIAS

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A estética dos cabelos crespos em Salvador**. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em História Regional e local. 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica. 2006.

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. V. 29. Nº 1.p. 167-182; jan/jun. 2003.

_____. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipo ou ressignificação cultural?** Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Nº 21. 2002

_____. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina.. 12º edição, 2015.

MUNANGA, kabengele. Algumas considerações sobre a diversidade e a identidade negra no Brasil. In: **Diversidade na educação: reflexões e experiências**. Coordenação: RAMOS, Marise Nogueira; ADÃO, Jorge Manuel; BARROS, Graciete Maria Nascimento. Brasília. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. 2003

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 1999.

PEREIRA, Josenildo de Jesus. **Africano, Escravo e Negro**: armas e armadilhas da identidade racial. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. SÃO PAULO. Julho. 2011.

RETTENMAIER, Miguel. **A lusofonia e os autores nas jornadas de Passo Fundo**: circunstâncias, maçãs e tranças nagô. Universidade de Passo Fundo. RS. Letras, Santa Maria, v. 22, n. 45. p. 49-63, jul/dez. 2012

SANTOS, Renilda de Oliveira. **Encantaria em sala de aula**: religiões afro-brasileiras, consciência histórica e cotidiano escolar no Maranhão, São Luís, 2018.

